

Etnoturismo e Educação Ambiental: A realidade na comunidade indígena Sahu-Apé

Vitor Cesar Cardoso da Silva¹
Daniele Mariam Araújo dos Santos²
Joelma Monteiro de Carvalho³

Resumo: Os povos indígenas estão em constante luta para manter sua identidade viva por meio de suas tradições culturais, buscando estabelecer-se na sociedade moderna. Dentro dessa perspectiva, encontra-se a comunidade Indígena Sahu-Apé, localizada no município de Iranduba, na região metropolitana de Manaus, Amazonas-AM, povo que carrega uma bagagem histórica rica, além de já desenvolver há 3 décadas, a atividade turística. Pertencentes à grande organização dos Sateré-Mawé, a comunidade tem o turismo étnico como base no seu patrimônio cultural e sua principal fonte de renda. Nesse contexto, o presente estudo se concentra na análise da relação entre as práticas de ação ambiental desenvolvidas pela comunidade Sahu-Apé e o desenvolvimento do etnoturismo, buscando mostrar a realidade deste povo e suas formas de gestão ambiental. Utiliza-se como método de coleta de dados, o levantamento bibliográfico por meio de artigos on-line, e entrevistas remotas com moradores para discutir a viabilidade das tectônicas e o exercício das ações ambientais na comunidade indígena amazônica.

Palavras-chave: Etnoturismo; Educação Ambiental; Comunidade Indígena.

Abstract: Indigenous peoples are in constant struggle to keep their identity alive through their cultural traditions, seeking to establish themselves in modern society. Within this perspective, there is the Sahu-Apé Indigenous community, located in the municipality of Iranduba, in the metropolitan region of Manaus, Amazonas-AM, people who carry a rich historical background, in addition to developing tourism activity for 3 decades. Belonging to the great organization of the Sateré-Mawé, the community has ethnic tourism as the basis of its cultural heritage and its main source of income. In this context, the present study focuses on the analysis of the relationship between the practices of environmental action developed by the Sahu-Apé community and the development of ethnotourism, seeking to show the reality of this people and their forms of environmental management. As a method of data collection, the bibliographic survey through online articles, and remote interviews with residents is used to discuss the viability of tectonics and the exercise of environmental actions in the Amazonian indigenous community.

Key-Words Ethnotourism; Environmental education; Indigenous Community.

1. Introdução

Neste estudo, apresentamos uma análise do turismo e sua relação com a educação ambiental em uma comunidade indígena já turistificada, no município de Iranduba, no estado do Amazonas. Neste lugar, o turismo étnico é a principal fonte de renda destes moradores. Assim, o estudo buscou analisar as práticas de ação ambiental desenvolvidas na comunidade,

¹ Acadêmico do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail vccds.geo19@uea.edu.br

² Doutora – Orientadora do Projeto em comunidades indígenas – Universidade do Estado do Amazonas. E-mail - dmsantos@uea.edu. br.

³ Doutora, orientadora do Projeto em comunidades indígenas – Universidade do Estado do Amazonas. E-mail - jcarvalho@uea.edu. br.



através de uma breve investigação e coleta de dados, a qual permitiu observar os possíveis impactos ambientais, sociais e econômicos das atividades turísticas, e como os indígenas interagem com o meio ambiente.

Como aportes teóricos citamos Moraes (2002); Reigota (2012); Santos (1992); Araújo (2017), dentre outros, possibilitando uma discussão em torno das temáticas ambientais e sua representação em comunidades étnicas, reafirmando a importância do etnoturismo exercidas por esses povos.

O turismo étnico no Brasil tem se estabelecido amplamente diante da realidade das comunidades indígenas. No Amazonas ele está atrelado diretamente às práticas de Educação Ambiental tendo em vista que o espaço é o produto consumido pelo turismo. Nesse contexto, trabalha-se a Educação Ambiental como tema transversal, possibilitando agir em conjunto ao etnoturismo para auxiliar na preservação da identidade e a memória indígena. O turismo é uma alternativa dos povos indígenas para manter viva suas tradições em sociedades que vigoram o capitalismo e a globalização, a partir disso, sua cultura e seu espaço necessitam ser preservados.

Diante dessa perspectiva, encontra-se a comunidade indígena Sahu-Apé, que está localizada na região metropolitana de Manaus, no estado do Amazonas, na Estrada AM-070, no Km 37 (Manaus / Manacapuru), sendo estes pertencentes a etnia dos Sateré-Mawé, povo que possui uma forte tradição cultural e construção de elementos míticos. Seu nome na Língua Sateré-Mawé significa “casa do tatu”. A comunidade tem como principal fonte de renda a atividade turística baseada no seu patrimônio cultural, e este turismo étnico se apoia nas apresentações, rituais, confecção de artesanato e remédios naturais.

Tendo em vista esses pontos, levantou-se a seguinte questão: de que forma a temática da educação ambiental, como tema transversal, pode interagir com as práticas turísticas desempenhadas na comunidade?

A partir desse ponto, apresenta-se a seguinte hipótese: para que o turismo indígena gere resultados positivos para comunidade, é necessário que haja um planejamento e gestão em vista das dimensões do desenvolvimento sustentável, considerando os aspectos culturais, ambientais, sociais e econômicos da comunidade em questão, além de se fazer necessário o desempenho de ações efetivas em Educação Ambiental para preservação do espaço geográfico natural. Assim, possibilita-se compreender os comunitários da aldeia Sahu-Apé como os protagonistas de seu desenvolvimento sustentável, através da educação ambiental que promove não somente a proteção do espaço natural, mas também de sua cultura e suas tradições.



O artigo está estruturado em quatro momentos, a introdução, a qual busca fazer uma breve explicação da problemática abordada; o desenvolvimento, em que busca abordar o reconhecimento e a realidade da comunidade; as discussões, que busca apresentar os dados obtidos na pesquisa bibliográfica e; as considerações finais, na qual irá concluir e dialogar com todos os objetivos traçados durante a pesquisa.

2. Referencial Teórico

De acordo com Reigota (2012), a Educação Ambiental deve ser tratada como um tema transversal, aplicada a conceitos e valores que possibilitam a formação de uma sociedade crítica, participativa e consciente das responsabilidades para um futuro sustentável, o autor associa Educação Ambiental como ferramenta de rompimento ideológico que impedem o exercício da participação livre, consciente e democrática. O desempenho da Educação Ambiental torna-se indispensável na formação dos indivíduos, apresentando um olhar consciente perante a sociedade, e possibilitando a aproximação das relações entre homem e natureza, baseadas em uma nova ética que pressupõe outros valores morais e apresenta uma maneira direta de ver o mundo e os homens, como apontado por Jacobi (2019).

Diante das propostas de sustentabilidade para comunidades étnicas capazes de gerar substância, encontra-se o turismo alternativo ou ecoturismo, que possibilitam o desenvolvimento sustentável em atividades turísticas. Para Miranda (2003), as atividades turísticas enquadram-se em modelos econômicos alternativos, com baixa capacidade de gerar impactos negativos ao meio ambiente, no entanto, a autora ressalta a necessidade de se trabalhar essa prática levando em consideração um planejamento ordenado para reduzir e remediar os impactos negativos da prática.

Através das mudanças significativas e contraditórias que perpassam o turismo, à medida que a globalização, a integração e a homogeneização de costumes crescem em virtude do intercâmbio cultural, a procura turística por algo diferente, cultura e costumes diversos aumenta, dando forças ao etnoturismo e o turismo comunitário (NETO; TOPPINO, 2019). O turismo étnico tornou-se uma vertente do segmento turístico por possibilitar uma experiência de vivenciar hábitos e cultura alternativa à do visitante.

Carvalho (2020) destaca o turismo e suas interfaces como uma atividade cultural impulsionada pelo desejo de vivenciar diferentes experiências do seu cotidiano, sendo em espaços indígenas ou não indígenas, em que o turismo cumpre seu papel histórico, social e



cultural. Tendo em vista o despertar pelo oculto, observa-se que as atividades turísticas promovidas pelos povos indígenas garantem a experiência de conhecer algo novo e explorar o desconhecido, sendo o espaço o objeto de visitação, permitindo um olhar a partir da percepção do visitante.

Santos (1992), analisa e esmiuça a configuração do espaço geográfico para poder concluir sua perspectiva sobre a interação da globalização com a evolução tecnológica e a informatização, as formas como culturas, credos e políticas dialogam por meio dessa interação global. Assim, o avanço pela constante busca do novo, possibilita a relação do turismo étnico como possível propulsor do desenvolvimento socioecon mico para comunidades étnicas.

Para Araújo (2017), o atrativo do etnoturismo, está voltado ao saber, a cultura e o meio ambiente, em que se busca a visibilidade aos povos tradicionais, valorizando sua identidade e história, e o entendimento do conhecer para proteger. A partir disso, busca-se um desenvolvimento sustentável que visa o equilíbrio com a proteção dos ecossistemas e a sustentabilidade local, onde o turista convive com os povos locais, ao mesmo tempo que respeita sua identidade. Neste sentido, o desenvolvimento sustentável tendo em vista seu conceito multidimensional, não se restringe a noção de proteção ambiental, mas permite trabalhar o conceito cultural, social e econ mico, além do ambiental.

Veiga (2010) diz que o desenvolvimento sustentável visa   promoção da liberdade material dos indivíduos que necessitam da inclusão no mercado para prover seu próprio sustento e se autodeterminar, sem se tornar totalmente dependentes de prestações positivas por parte do Estado.

Na comunidade Sahu-Ap , além do cultivo em pequena escala, o turismo é a base econ mica dos moradores. Ambas as atividades acontecem de modo sustentável, na medida em que os moradores buscam manter o ambiente e a cultura (SANTOS, 2015).

Além disso, o povo da comunidade utiliza-se do turismo como forma de manter viva seu modo de vida tradicional e sua cultura, expressas através das formas de ritualização, presentes no patrim nio material e imaterial desse povo (SANTOS; CARVALHO; TRICÁRICO, 2019).

As observações de Tavares (2008), destacam a visão programática do meio ambiental, ao qual deixa de encará-lo como um “museu” e passa a possibilitar que a cultura seja vista como um meio de aprendizagem entre o homem e o meio, dando visibilidade ao dinamismo da



utilização das atividades econômicas e de outras técnicas para a preservação de sua cultura e valores.

Muñoz (2003) citado por Santos; Carvalho; Tricárico (2019, p. 19), admite que “o meio ambiente faz parte do convívio da comunidade ética”, além disso, na cosmovisão do povo indígena, o meio ambiente manifesta-se como gerador de vida, permitindo-lhes interagir com a “mãe natureza”, de modo que ela possa gerar renda, “pois é da floresta que são extraídas a matéria-prima para realizar o empreendedorismo dos artesanatos” (SANTOS; CARVALHO; TRICÁRICO, 2019, p. 19).

Moraes (2002) acena que a educação ambiental em conjunto as comunidades indígenas, deve fortalecer os povos na interface com a sociedade envolvente, a partir disso, o autor afirma que:

O trabalho de educação ambiental com as comunidades indígenas, diante do processo por elas vivenciado na fricção interétnica, tem o papel fundamental de possibilitar o resgate de seus valores socioculturais, quando necessário, e de estimular sua participação consciente na proteção do meio ambiente em seus territórios. (MORAES, 2002, p.32).

A forma que estas ações agem no espaço, torna possível o desenvolvimento sustentável por parte das comunidades tradicionais da Amazônia, de acordo com as características históricas, culturais, fisiográficas e socioambientais, podendo ser desenvolvido de maneira transversal dentro das comunidades.

A partir das práticas de turismo étnico desenvolvidas por esses povos, observa-se que o turismo está ligado diretamente ao meio ambiente. Dias (2005), aponta o desenvolvimento sustentável do turismo baseado no equilíbrio harmônico de três dimensões: Econômica, social e Ambiental, considerando os efeitos e causas tanto positivas, quanto negativas. Em vista da Educação Ambiental aliada às práticas e medidas de ações sustentáveis, é possível minimizar os impactos negativos causados nas esferas do turismo, assim, assegurando a preservação do meio ambiente para gerações futuras e presentes.

3. Metodologia

A abordagem baseou-se em uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e exploratório, utilizando-se do levantamento de dados para investigações a respeito da comunidade indígena Sahu-Apé. Como base, foram utilizados livros, artigos científicos publicados em periódicos acadêmicos de forma digital, teses, dissertações, e seminários



conduzidos de forma remota, além da aplicação de questionários on-line com perguntas abertas e semiestruturadas, nas mais diversas plataformas digitais.

Em virtude da pandemia ocasionada pelo vírus agente da COVID-19, não foi possível realizar atividades de maneira presencial, impossibilitando a aplicação de procedimentos exploratórios e observatórios, logo todas as ações executadas foram produzidas de forma remota, procurando seguir e atender todas as orientações e recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

É importante enfatizar essas relações e investigações por método on-line, pois todos os dados colhidos que se fazem presentes neste artigo foram concebidos com o auxílio das chamadas Tecnologias da Informação (TI). Castells (1999), observa que a tecnologia da informação atinge diversas áreas, remetendo a uma busca por conhecimento e informação, o que diante da atual situação pandêmica, possibilitou o uso das ferramentas on-line de maneira eficaz para conduzir e desenvolver de todos os procedimentos propostos. Já na conjuntura do ensino da educação ambiental e sua transdisciplinaridade, a aplicação da TI permite associar as ferramentas de rompimento ideológico citadas por Reigota (2012), concebendo novas conexões e conhecimentos através dos instrumentos da informação.

A coleta de dados na comunidade Sahu-Apé foi feita de forma remota, com formulário on-line para aplicação de um questionário e uma entrevista aberta expositiva e semiestruturada. Para o levantamento de dados visando a análise cultural e histórica da comunidade, utilizou Santos (2010) e Carvalho (2019), que apresenta uma reflexão a partir das atividades turísticas em territórios indígenas, sobretudo.

Outras ferramentas utilizadas durante a pesquisa foram programas de mensagens e videoconferência, permitindo que houvesse a interação entre os pesquisadores e os moradores da comunidade.

A elaboração do formulário on-line, deu-se através das presentes mudanças na conjuntura social resultante da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-COV-2. O formulário teve como principal objetivo o levantamento de dados e o diagnóstico a grau de conhecimento das questões socioambientais na comunidade indígena Sahu-Apé, a fim de identificar a existência das práticas de educação ambiental realizadas pelos moradores, O questionário contou com 11 perguntas de múltipla escolha, dentre elas, 10 necessitam ser descritivas dependendo a opção de resposta escolhida pelo respondente, assim, o formulário foi aplicado



aos indivíduos sendo dois membros da comunidade, e uma pesquisadora que desenvolveu projetos na comunidade.

Em outro momento, foi feita uma entrevista de forma remota pela plataforma do Google Meet com a Tuxaua da comunidade, em que foi aplicada algumas perguntas sobre a atual conjuntura da aldeia neste momento de pandemia, e as dificuldades enfrentadas pelo povo e quais as estratégias adotadas para manter-se neste período. Outra entrevista foi com Zelinda da Silva Freitas Araújo (Kiã) de 26 anos de idade, neta da falecida Tuxaua Kabu, a mesma conta que seu nome na língua Sateré Significa Aranha, e que atua como intermediadora da atual Tuxaua Pyan, além de trabalhar como professora na comunidade, em conjunto do seu irmão e sua tia. Tendo em vista a necessidade de dialogar com um membro da comunidade Sahu-Apé, a entrevista buscou tratar das pautas relacionadas às atividades de educação ambiental e turismo que estão planejadas e os problemas estruturais causados pela pandemia.

No que diz respeito à análise dos dados obtidos, usou-se Irving (2008), para análise do conteúdo a partir da narrativa Indígena. Na análise das ações de educação ambiental, utilizou-se Reigota e Santos (2005), abordando sobre processo de educação ambiental em busca de soluções para os problemas de forma conjunta e participativa com a comunidade; também de Moraes (2002) que vai tratar da viabilização do trabalho e das práticas de ação ambiental dentro das comunidades indígenas. Desta forma, permitiu-se organizar e analisar as práticas socioambientais desenvolvidas na comunidade.

4. Discussões e Resultados

Há 3 décadas o povo Sahu-Apé vem desenvolvendo as práticas de turismo em suas terras, tendo o espaço como produto principal das atividades exercidas ali. O Hotel Selva Ariaú servia como aporte para fluxo turístico, atraindo turistas nacionais e internacionais, dessa forma, o povo da comunidade se reorganizou para receber os turistas que buscavam conhecer o novo.

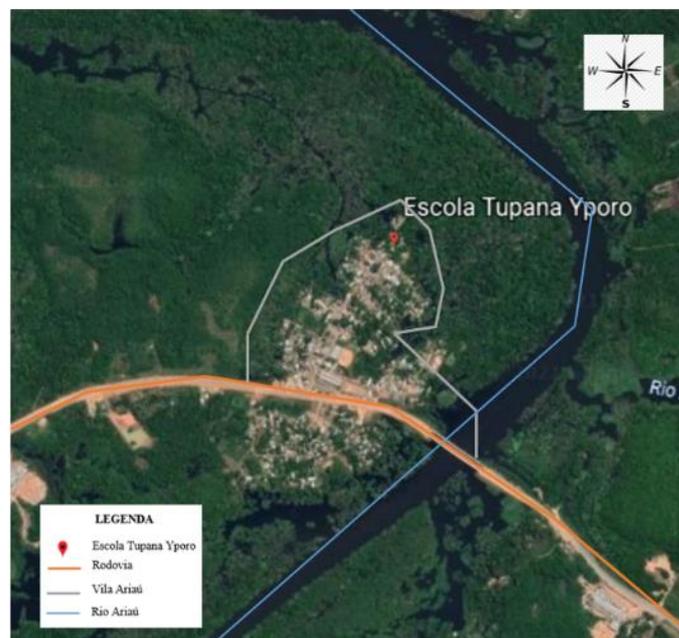
Irving (2003, p. 177-178), fala que “o lugar turístico é o palco da pluralidade de identidades e o cenário da trama complexa das relações sociais”, esse tipo de turismo contribui para uma troca de saberes que ultrapassam conceitos pré-estabelecidos sobre comunidades étnicas, mostrando o respeito perante comunitário promovendo o compartilhamento de experiências que os turistas tanto buscam. Com o fechamento do Hotel, o fluxo turístico



naquela região diminuiu consideravelmente, afetando diretamente os moradores da comunidade.

A comunidade Sahu-Apé está localizada na Estrada AM-070 (Iranduba/Manaus), no Km 37 (Imagem 1), pertencente ao município de Iranduba, na área metropolitana de Manaus, AM. Existe uma disputa e recusa a respeito do pertencimento da área denominada de Vila do Ariaú, entre as prefeituras de Manacapuru e Iranduba, na Estrada Manuel Urbano, divisa entre os dois municípios. De acordo com os relatos de Santos (2010), a comunidade não é reconhecida como Terra Indígena pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), não constando na lista de Terras Indígenas da Fundação (2008), de acordo com a fundadora da comunidade, Dona Zelinda da Silva Freitas, a antiga tuxaua Baku, “o terreno foi doado pela prefeitura de Manacapuru” (SANTOS, 2010, p. 106).

Imagem 1: Localização da comunidade Sahu-Apé



Fonte: Elaborado por Silva (2021)

A formação social da aldeia Sahu-Apé é atípica em relação a outras comunidades, pois nesta, a líder é uma mulher, a Tuxaua Midian Silva (Pyan), sendo ela que administra os afazeres dos comunitários e distribui as tarefas delegadas aos demais indivíduos, e tudo acontece de modo harmonioso e produtivo.

Na Amazonia, os povos indígenas urbanos e não urbanos, buscam manter viva a memória dos seus antepassados através de várias formas de ritualização, como assinalado por Carvalho (2019).

A autora observa que ainda hoje, boa parte das etnias vivem da produção do artesanato e dos costumes étnicos, mostrando que muitas de suas tradições e expressões culturais ainda persistem, e estão relacionadas à geração de renda desse povo. Ela também ressalta a utilização de sementes para a produção do artesanato, que é feito a partir da tradição de símbolos típicos da etnia como a “puçá”, semente usada no preparo de peças em colares, brincos e pulseiras.

Além disto, o ritual da tucandeira se configura na principal atração na atividade turística realizada no espaço comunitário. Estes elementos e símbolos, além de sua representação, mostram-se como um atrativo para recepção de turistas que buscam vivenciar o cotidiano juntamente aos povos, além de buscarem também “a cura em espaços xamânicos” (SANTOS; CARVALHO; TRICÁRICO, 2019 p. 19).

Entende-se que o turismo étnico praticado na aldeia Sahu-Apé está ligado diretamente com a natureza, pois utilizam dos recursos naturais do seu espaço para construir a esfera cultural atrativa a turista, mostrando a produção do artesanato, interligada a suas práticas ritualísticas e turísticas. Para Irving (2008), o turismo na atualidade passa a ser encarado partindo de uma nova perspectiva das suas relações com práticas sociais e ambientais, mostrando a preservação de valores e identidade das comunidades.

A relação deste etnoturismo com as atividades de educação ambiental se expressam efetivamente no que se refere ao cuidado com o ambiente, a manutenção dos recursos naturais, ao manuseio correto dos resíduos sólidos que são gerados pelos moradores e visitantes, e ainda, na busca de reciclar produtos orgânicos com a compostagem feita no local.

As atividades turísticas desenvolvidas, promovem a diversidade e a identidade cultural do povo, sendo essa a sua principal fonte de renda atualmente, “O turismo era o ponto principal de renda financeira, mas também era a forma de continuar mantendo a nossa cultura”, expõe Zelinda Araújo (Kiã), ao tratar das atividades turísticas na comunidade, mostrando que as terras indígenas tornam-se potenciais turísticos através da sua autenticidade não estereotipada, tornando possível o turismo étnico dentro do espaço comunitário, podendo gerar recursos por meio desta atividade.

No entanto, foi possível observar a dependência por parte dos comunitários perante as atividades turísticas elencadas, mostrando que a partir estagnação da produção cultural,



expressa, sobretudo, pela pandemia de COVID-19, a comunidade não apresenta outro meio de subsistência, tendo de buscar outras fontes de renda, “não entra gente, às vezes entra uma ou outra, mas não é o suficiente para manter às famílias que estão na aldeia Sahu-Apé”, explica Kiã sobre a estagnação do turismo em tempos de pandemia.

Em busca de alternativas para suceder esse fator, as práticas de pesca e agricultura mostra-se como possíveis formas de manter a substância para os cominatórios, a entrevistada informou que “eles (os homens da aldeia) passam a noite toda pescando ‘pra’ pegar um jacaré, um peixe, os que são caçadores ou pescadores.

Os que não, tem que sair da comunidade”, conta a respondente, mostrando que alguns moradores necessitam sair da aldeia para ir em busca de trabalho fora dos espaços da comunidade por não ter como sustentar a família.

Ao que tange a Educação Ambiental, as práticas são desenvolvidas por intermédio da Escola Tupana Ypora, e comunitários da aldeia, representada através de práticas sociais que visam preservar o espaço que vivem. Cita-se práticas como, coleta seletiva e separação de resíduos sólidos, “a coleta e separação do lixo é feita pelos comunitários da aldeia”, conta a entrevista, Kiã também destaca a existência da ação de coleta seletiva que, além do trabalho com a coleta de lixo realizado pela prefeitura, também é feita a separação dos resíduos pelos comunitários da aldeia. De acordo com exercício das práticas sociais em conjunto, observa-se características que representam as principais concepções do ensino da educação ambiental.

Sobre estas ações coletivas, Reigota e Santos (2005), destacam sua importância, além da participação e do respeito à diversidade de opiniões, viabilizando das medidas tomadas pela comunidade em vista as problemáticas voltadas à coleta do lixo, demonstrando a importância e a valorização de práticas realizadas de forma conjunta e integrada, visando o reconhecimento pelo espaço a qual estão inseridos, cuidando e conversando.

Ainda a perspectiva da Educação Ambiental, também se introduz o trabalho agricultura familiar e comunitária, trabalhada como prática de ação ambiental, pois visa o desenvolvimento sustentável da comunidade por meios do plantio com técnicas orgânicas.

Através do apoio do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (IDAM), a comunidade Sahu-Apé recebeu kits de sementes de hortaliças e outros alimentos para realização da prática em agricultura com os comunitários. Inicialmente foi realizada a limpeza do local e em seguida o plantio de frutas, hortaliças e legumes para auxiliar



na geração de recursos para sua subsistência, mostrando novamente a ação conjunta dos moradores para dar-se início às práticas de agricultura (Imagem 2).

Imagem 2: Comunitários realizando a limpeza do espaço para plantio



Fonte: ARAUJO (2021)

Através de reuniões entre os membros organizadores da comunidade, discutiu-se formas de gerar renda a comunidade que vá além das atividades turísticas, considerando a possibilidade de buscar projetos que possam ser implantados através da escola indígena. Sobre isso, Kiã respondeu que “A educação escolar indígena, como os professores falam, ela não é só aquilo que é passado na escola, ela é aquilo que a gente vive, a gente traz do nosso dia-a-dia pra escola, e apenas amadurece aqui de uma outra forma”.

Sobre a perspectiva futura do turismo, a comunidade continuará com as práticas de turismo étnico na aldeia, desenvolvendo novas práticas com projetos voltados ao atendimento dos turistas que chegam à comunidade, no entanto a busca de outras práticas de renda para a aldeia necessita solucionar os problemas financeiros da comunidade, para que não fiquem dependentes apenas do turismo, proporcionando o desenvolvimento sustentável.

A atividade turística, assim como a agricultura, só se estabelece de modo eficiente em um ambiente saudável, limpo e permanentemente cuidado. As práticas de educação ambiental culminam com a sustentabilidade do uso do espaço e seus recursos, além de promover a mudança de comportamento dos moradores, na medida em que cria hábitos entre estes, e ainda, uma forma de conduta dos visitantes em relação ao ambiente.

Ainda conforme a respondente, existe uma escala em relação à limpeza da comunidade, cada família tem um dia que faz a parte de manutenção do mato, retirada de resíduos, porém, mais importante que limpar, é não sujar, não produzir resíduos, não contaminar solo e água, e buscar alternativas para redução e reuso de quaisquer resíduos sólido que seja produzido. Nas imagens coletadas, vemos o cuidado dos moradores que usam as mais diversas embalagens para acomodar alguma planta (Imagem 3), seja ela para uso medicinal, culinário ou para paisagismo.

Imagem 3: Horta de ervas medicinais cercada com garrafas de vidro.



Fonte: SANTOS D. M. (2019)

Como informa a respondente, a educação ambiental que é discutida na comunidade, não é só jogar o lixo no lugar correto, mas também fazer com que os recursos que a comunidade dispõe, sejam mantidos para as outras gerações, como por exemplo não poluir as águas do igarapé que passa no local, manter limpo o espaço de convivência, nutrir e manter as plantas, evitar embalagens que possam poluir o ambiente, reciclar e reutilizar tudo o que é possível, entre outros hábitos, e diante disto, o turista que visita o local, percebe o quanto estas ações são importantes, influenciando assim no seu próprio comportamento.

Dentre os objetos que ganharam novos usos, temos a canoa-horta (Imagem 4), que também serve de atração aos turistas e serve como local para plantio também de ervas medicinais além de berçário de mudas.



Imagem 4: Canoa-horta



Fonte: SANTOS D. M. (2019)

A educação ambiental, pela percepção dos moradores e como visto no conteúdo em diversos artigos em que o tema é citado, demonstra ser compreendida por todos como uma forma de vida normal, intrínseca no cotidiano das pessoas, na medida em que o espaço em que vive é sua ferramenta de trabalho, por isso e para a qualidade de vida, necessita ser cuidado.

No depoimento da respondente, vemos ainda que o ambiente carrega em si a dimensão mística. Cada recurso natural, é para os moradores, um ser vivo e diante disto, tem que ser cuidado e respeitado. O rio, além de fonte de alimento e caminho para deslocamento, tem sua energia, e por isso não se pode jogar resíduos inorgânicos. A terra, pulsa diariamente a cada folha que faz brotar, e é respeitada como berço e como descanso eterno. A educação ambiental na comunidade estudada, é mais que apenas uma forma de agir, é o modo de vida cotidiano, e este modo de vida que encanta os turistas.

5. Considerações Finais

Diante da representação histórica e cultural do povo Sateré-Mawé, é visível a luta desses povos para manter vivo o legado construído através do tempo, sendo expressas através do seu modo de vida, pela língua ou pelas tradições presentes na cultura que são passadas a cada geração, a busca pelo conhecimento torna possível os estudos a vista dessa etnia nos tempos atuais, contribuindo para manter viva a memória desse povo. Nessa perspectiva, a



importância do turismo reside na capacidade da geração de subsídios e o exercer nos impactos na comunidade e no meio ambiente, preocupando-se em mostrar a realidade dos povos tradicionais através das formas de ritualização expressas culturalmente, respeitando a diversidade social e ecológica local, tendo os interesses comunitários como finalidades a serem seguidas.

O estudo objetiva a análise das práticas de ações ambientais existentes na comunidade indígena Sahu-Apé, relacionadas às práticas turísticas realizadas no espaço comunitário atreladas à realidade desse povo, tomando como base as pesquisas bibliográficas realizadas. Em vista a pandemia de COVID-19, tornou-se um desafio ainda maior realizar uma pesquisa científica apenas como dados colhidos em de forma on-line, no entanto com o auxílio das ferramentas de informação, permitiu-se alcançar grandes expectativas, tendo em vista que os conteúdos levantados foram bastante amplos, propiciando diversas discussões em torno da comunidade, sua cultura, além das temáticas principais abordadas.

Na comunidade Sahu-Apé, as atividades exercidas transformaram o modo de vida tradicional e cultural em algo economicamente rentável, na busca de proporcionar a valorização da identidade, veiculados a manutenção dos saberes étnicos, sem a necessidade de abandonar o modo de vida tradicional. Sob a ótica do globalismo, transmite-se a ideia de que meio ambiente e as comunidades indígenas são espectadores subjugados à lógica do mercado, mostrando que suas peculiaridades e características tornam-se atrativos que viabilizam o turismo em comunidades indígenas.

No contexto do etnoturismo, observa-se que o exercício das práticas na comunidade por muito tempo promoveu a afirmação do poder comunitário, propiciando meios de se autogerir, no entanto, mostra-se a dependência por meios das práticas, fazendo com que buscassem meios e alternativas para gerar renda. Com a planejamento e a gestão organizacional dos comunitários, foi-se possível minimizar os impactos negativos nas esferas sociais, econômicas e ambientais, permitindo a identificação de soluções eficientes e eficazes, possibilitando a participação ativa no processo de desenvolvimento sustentável e comunitário, garantindo os resultados das atividades propostas, expondo a melhoria na qualidade de vida dos povos.

Considerando o meio ambiental, os povos indígenas Saterés, em específicos os Sahu-Apé, exploram a relação homem e natureza de forma significativa, as interações dos povos indígenas com meio sustentam-se através das crenças e valores culturais, como a própria



cosmovisão indígena, desse modo, expõe-se o meio ambiente como o fluxo gerador de vida capaz de manter as relações harmônicas entre homem e a natureza.

Através da verificação das práticas exercidas pelos comunitários, verifica-se comprometimento por parte da grande maioria dos comunitários, estando presentes no processo decisório das atividades a serem desenvolvidas. Ao observar as práticas conjuntas, salienta-se o exercício de cidadão ambiental, que busca estar à frente tomando medidas para amenizar os impactos causados ao meio em que vivem, mostrando o desenvolvimento das ações contribuintes vinculados ao espaço geográfico e aos processos histórico e cultural persistentes nas relações interpessoais e individuais do Sahu-Apé. Nessa perspectiva, os comunitários buscam a melhoria de vida e a sustentabilidade por meio do que lhe é oferecido pela natureza, transformando em renda financeira para subsistência da família, mantendo todas as relações de respeito ao meio onde vive.

Assim, a prática do turismo étnico e sustentável, caracterizada pelo etnoturismo, pode ser traçada como um importante instrumento de preservação ambiental tendo em vista a conscientização dos turistas e dos povos visitados, pautando-se do desempenho inclusivo para fortalecer o entendimento dos integrantes da comunidade como autores do próprio desenvolvimento. A Educação Ambiental surge como um recurso na gestão das práticas sociais, econômicas e ambientais exercidas, buscando minimizar os impactos causados ao espaço, produto do turismo.

O etnoturismo praticado pela a comunidade Sahu-Apé em conjunto educação ambiental regida de modo difuso e democrático na comunidade, pode ser capaz de expressar princípios que são as bases para desenvolver ações de modo contínuo e permanente, podendo propiciar o engajamento da comunidade envolvida no processo de construção de uma sociedade sustentável, visando a importância do território como elemento espacial que além de construir a identidade indígena, mostra-se um importante atrativo turístico pela sua conjuntura original, dessa forma, mantém-se viva a tradição dos Sahu-Apé, nos espaços urbanos em meio às sociedades contemporâneas globalizadas. A Educação ambiental nesta via, como tema transversal, possibilita trabalhar efetivamente com o turismo através da preservação e conservação do espaço, contribuindo também para o turismo com bases sustentáveis.

Por fim, o conjunto dessas práticas realizadas na comunidade formam o reflexo do povo Sahu-apé, esse que se sustentam do cultivo da terra e das atividades turísticas de forma natural, mantendo vivo suas tradições por meio das suas práticas. No entanto, percebe-se que



estes povos necessitam de atenção e investimentos para reafirmação da cultura indígena, principalmente no Estado do Amazonas, que abriga grande parte das etnias do Brasil. A criação e elaboração de incentivos que visam promover a valorização e o respeito das comunidades tradicionais e seu território é indispensável, pois buscam reafirmar a identidade desses povos, para assim, alcançar uma maior visibilidade nos espaços urbanos e contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, W. A. et al. **Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais:** elementos conceituais e apontamentos para reflexão. *Interações* (Campo Grande), Campo Grande, v. 18, n. 4, p. 5-18, dec. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v18i4.1392>. Acesso em: 14 maio 2021.

BRANDÃO, C. N.; BARBIERI, J. C.; SILVA, L. C. Turismo Sustentável Em Comunidades Indígenas Da Amazônia. **Revista de Administração de Roraima - RARR**. Boa Vista, ed. 2, v. 12, p. 17-28, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18227/rarr.v2i2.1136>. Acesso em: 18 maio 2021.

CARVALHO, J. M. **Ritual de passagem:** das terras indígenas as áreas urbanas dos Sateré-Mawé. Manaus: Editora UEA, 2019. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1566>. Acesso em: 15 maio 2021.

CARVALHO, J. M. Sateré-Mawé E Sámi: **Culturas Indígenas Ancestrais Sob o Olhar Do Turismo Étnico**. 2020. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria – PPGTH, Universidade Do Vale Do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2020.

CASTELLS, M. **Fim de milênio:** economia, sociedade e cultura. Trad. Roneide Venâncio Major. 6. ed. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental:** princípios e práticas. São Paulo: Editora Gaia. 1992.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. *In:* (Orgs.) BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária:** diversidade de olhares e experiências brasileiras. Ministério do Turismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://cutt.ly/1b1PDKV>. Acesso em: 18 maio 2021.

IRVING, M. A. Turismo como instrumento para desenvolvimento local: entre a potencialidade e a utopia. *In:* (Orgs.) D'ÁVILA, M. I.; PEDRO, R. **Tecendo o Desenvolvimento:** Saberes, Ética e Ecologia Social. Rio de Janeiro, 2003, p. 167-184

JACOBI, P. **Educação Ambiental E Cidadania**. Cidade Futura fevereiro 26, 2019 em Artigos, Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.cidadefutura.net.br/artigos/educacao-ambiental-e-cidadania/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MIRANDA, H. A. C. **Sistema de planejamento e gestão do Ecoturismo em Roraima**. Dissertação de Mestrado. 2004.

MORAES, Júlio César de. **Condições dos solos em áreas de pousio dos cultivos praticados por índios Guarani, em Ubatuba (SP)**. 2002. Tese de Doutorado. Botucatu, Faculdade de Ciências Agrônômicas da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/101951>. Acesso em: 25 abr. 2021.



- MUÑOZ, M. G. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. *In: LEFF, E. (org.). A complexidade ambiental*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2012. 2ª ed. ISBN: 978-85-11-00122-9.
- NETO, R. C.; TOPPINO, M. A. Etnoturismo Como Meio De Promoção Do Desenvolvimento Sustentável e Valorização da Cultura dos Povos Tradicionais da Amazônia Brasileira. **Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo**, Goiânia, v. 5, p. 72-86, jan/jun. 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/232939828.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.
- OLIVEIRA, L. F. Educação Ambiental e Turismo. **Revista turismo**, 2005. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/texto-5363c712a8ea2.doc>. Acesso em: 14 maio 2021.
- REIGOTA, M.; SANTOS, R. F. Responsabilidade social da gestão e uso dos recursos naturais: o papel da educação no planejamento ambiental. *In: PHILIPPI JR., A.; PELICIONI, M.C.F. Educação ambiental e sustentabilidade*. São Paulo: Manole, p. 849-863, 2005.
- SANTOS, D. M.; CARVALHO, J. M.; TRICÁRIO, L. T. Patrimônio imaterial e o turismo étnico em comunidade indígena, em Iranduba, Amazonas. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 16-35, 2019. ISSN: 1983-5442. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v12i3.69779>. Acesso em: 15 maio 2021.
- SANTOS, L. C. **Etnografia Sateré-Mawé**. Manaus: Fapeam/Valer, 2015.
- SANTOS, L. C. **Sahu-Apé E O Turismo Em Terras E Comunidades Indígenas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Museu Amazônico, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal Do Amazonas, Manaus, 2010. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2880>. Acesso em: 31 abr. 2021.
- SANTOS, Milton. Os Espaços da Globalização. *In: SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo, edUSP, Ed.5, 2013.
- TAVARES. M. G. Turismo e Desenvolvimento na Amazônia Brasileira: algumas considerações sobre o arquipélago do Marajó – Pará. *In: (Orgs.) BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Ministério do Turismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://cutt.ly/1b1PDKV>. Acesso em: 18 maio 2021.
- VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável: Desafio do Século XXI**/José Eli da Veiga; Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2010.

